

*Com a ajuda de sua extraordinária família, esta criança multideficiente encontrou um meio de fazer tudo de que ninguém julgava capaz*

# A invencível Karen

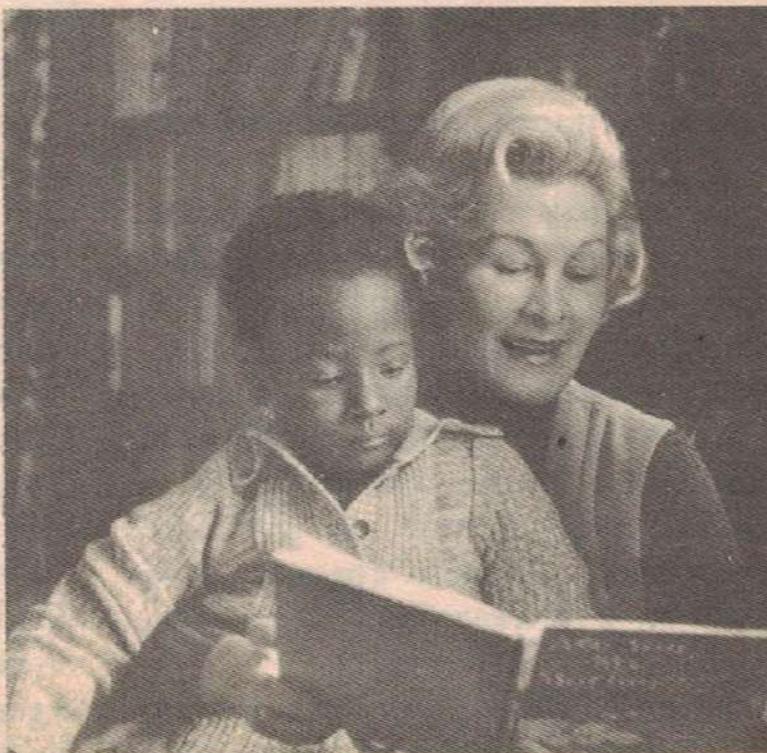
LYNN THOMAS

**P**APAI, pode ficar parado aí em cima na escada? Quero fazer uma coisa», pediu Karen DeBolt ao pai, quando ele chegou do trabalho certa noite, há alguns meses.

«Claro, queridinha», respondeu Robert DeBolt.

Karen, de seis anos, nascida sem braços nem pernas, vinha praticando para aquele momento desde os dois anos. Apoiando-se nos membros de plástico e em sua muleta favorita (a vermelha, branca e azul), começou a subir os 20 degraus da escada de casa, arrastando-se, impulsionando-se e se auto-estimulando, degrau por degrau. Quando chegou triunfante ao último, seu pai pegou o corpinho mirrado no colo, enquanto a mãe, Dorothy, e os irmãos, riam, choravam e lhe davam tapinhas de júbilo nas costas.

LYNN THOMAS



*Dorothy DeBolt lê para Karen.*

Naquela noite, os DeBolts e sete dos seus 15 filhos (nove dos quais adotados) se reuniram ao redor da mesa ao jantar, em Piedmont, Califórnia, e fizeram preces de agradecimento a Deus, por Karen e por si próprios.

Karen não está desabituada de triunfos. Ela vem ganhando todas as batalhas contra a dura realidade desde o dia em que nasceu. «Fisicamente anormal», escreveram os médicos em sua ficha. O que eles queriam dizer era que Karen jamais poderia pular, correr ou brincar como uma criança normal, que nunca pegaria numa boneca ou arrancaria pétalas de uma rosa.

Também nunca conheceria o colo de sua verdadeira mãe. Incapaz de encarar as deficiências da criança, sua jovem mãe a deixou num hospital do Leste dos Estados Unidos, aos cuidados de pessoas mais bem preparadas para ajudá-la. Mais tarde, Karen foi transferida para outro hospital.

Os médicos a dotaram de pernas, «só por causa das aparências», disseram — mas Karen tinha outros planos. Com a ajuda de médicos, enfermeiras e religiosas, aprendeu a andar dois meses depois. Sua «família» no hospital a encorajava, educava e amava, mas, durante os primeiros cinco anos, ninguém apareceu para adotá-la, e o prazo estava se esgotando.

Foi então que, da Califórnia, vieram os DeBolts. Dorothy DeBolt tinha adotado uma criança pela primeira vez em 1957. Ela e o marido, Ted Atwood, criavam seus cinco filhos (um menino e quatro meninas) quando tomaram conhecimento da situação difícil das crianças coreanas, consideradas indesejáveis na Ásia. Não hesitaram em adotar os órfãos coreanos Kim e Marty.

A morte de Ted Atwood em 1963, causada por câncer no cérebro, não diminuiu em nada a afetuosa preocupação de Dorothy pelos outros. Em 1969, ela adotou Tich e Anh, dois garotos vietnamitas, órfãos e permanentemente deformados por balas norte-americanas. Então, em 1970, casou-se com Robert DeBolt, executivo de uma firma de construções; sua filha, de um casamento anterior, elevou para dez o número de crianças da família.

Robert e Dorothy mal tinham se casado quando adotaram Brenda, uma garota *siox* de 11 anos, e Henry, um menino biafrense de 12. Em seguida, Dat e Trang, dois outros garotos vietnamitas em idade escolar, juntaram-se a eles. Veio então Sunee, uma órfã coreana, de quatro anos, atacada pela poliomielite.

Quando Tich e Anh ensinaram Sunee a usar as muletas, subir escadas e (mais importante) a rir, Robert e Dorothy descobriram que isso fizera crescer seu amor-próprio. A jovem filha coreana devia ter também uma oportunidade de ajudar alguém, ajudando-se com isso; logo, Sunee precisava de uma irmã. Foi quando a Agência de Adoções Spence-Chapin, de Nova York, lhes apresentou Karen. Assim, nos últimos dias de outubro de 1972, Karen fez sua primeira viagem de avião através do continente, para começar vida nova na Califórnia. Tornou-se também a primeira criança desse tipo a ser adotada nos Estados Unidos.

Karen entrou com o pé direito na casa dos DeBolts. «Nós a carregamos

até o portão», diz Dorothy. «Então, deixamos que ela andasse sozinha até o pátio de entrada. Havia um pequeno degrau, que ela não conseguia transpor facilmente. Por alguns momentos, tentou obrigar a perna a subir o degrau. Nenhuma das crianças foi lá ajudá-la, mas todas a observavam, comentando: *Êta, garota! Você vai conseguir!* Quando ela, finalmente, o conseguiu, todo mundo começou a aplaudir. De repente, foi como se ela soubesse que tinha ido para o lugar certo. Seu sorriso iluminou toda a sala.

«Agora, ela transpõe esse obstáculo com naturalidade. É o que devemos fazer com crianças deficientes — deixá-las descobrir a grande alegria de conseguirem fazer as coisas, encorajando-as, mas sem agir por elas.»

Karen se regozija com suas descobertas tão alegremente como qualquer outra criança. A maciez e a temperatura da pipoca recém-torrada são testadas na pele do rosto. Outras vezes, ela finge ter sensibilidade em suas mãos artificiais. «Que macio», sorri, tocando um gatinho com os ganchos. «Ai», grita, ao lavá-los na água quente.

«As freiras do hospital, em Nova York, notaram uma característica muito especial a respeito de Karen logo de início», recorda Dorothy, «uma grande determinação e força de vontade. Quem poderia ter lhe inculcido aquilo, em sua idade? Só pode ter sido Deus.»

Na primavera do ano passado, Karen pediu aos pais que a inscrevessem na Maratona da Cruz Vermelha,

uma competição cujos lucros revertem em favor de crianças necessitadas. Os DeBolts concordaram em pagar 10 centavos de dólar para cada volta que Karen completasse. Diz Cathy Umino, professora de Karen no segundo ano da escola primária: «O máximo que permitimos às crianças são dez voltas ao redor da escola (*dez voltas*), e ela conseguiu! As três primeiras, ela as completou sem parar, nem para descansar.»

Karen mantém sua atenção voltada para o lado positivo das coisas que a rodeiam. «Robert e eu sempre olhamos para Karen com profundo espanto», diz sua mãe. «Pedimos a Deus que nos faça dignos dela. Só esperamos viver o suficiente para chegarmos ao que ela é — e permitir-lhe que seja tudo aquilo que ela sinceramente desejaria ser.»

Em casa, Karen tem tarefas específicas — arrumar a cama e dobrar a roupa. O fato de ela ser negra e os DeBolts brancos nunca foi problema, pois agora é como se ela fosse daltônica. Steve, seu coleguinha de escola, que orgulhosamente se diz seu namorado, perguntou-lhe certo dia de que cor era sua mãe. «Ela não tem cor», respondeu Karen, logo de seguida, «ela é minha mãe.»

«É um longo processo de preparar Karen para enfrentar no futuro sua situação de negra e deficiente», declara a Sra. DeBolt. «Dissemos a Karen, quando ela entrou para a escola, que, às vezes, certas pessoas não gostavam de nós porque éramos diferentes. Expliquei-lhe que, quando encontramos pessoas que pensam assim,

devemos ter pena delas, porque em toda a sua vida não aprenderam o que significa amar.»

No ano passado, quando Karen e Sunee souberam que iriam ganhar outra irmã (uma criança coreana parcialmente cega de nascimento, e depois queimada e abandonada pelos pais), Karen anunciou que lhe emprestaria suas muletas.

«Que ótimo, querida», disse sua mãe, «mas ela tem pernas.»

«E as pernas dela sabem andar?», perguntou Sunee.

«Sabem, mas seus olhos não conseguem enxergar.»

Karen pensou no assunto por um momento, depois sorriu e exclamou: «Não tem importância, mamãe. Eu empresto os meus para ela.»



OS ATORES de filmes westerns têm sua própria escala de valores. Para aqueles cujo nome não aparece na tela, sua importância no filme é avaliada mais ou menos assim. Um camarada encontra outro num bar, perto do estúdio onde os atores costumam se reunir, e pergunta: «Como é que você está se saindo no último filme?» O outro responde: «Mais ou menos; sou o quarto a passar pela porta.»

Nos filmes westerns, o herói sempre passa pela porta primeiro, seguido pelos outros «bons» do grupo. A ordem de entrada determina a importância, e, muitas vezes, o *cachet*. — B. H.

Nossa filha de seis anos criou o hábito de acordar à noite, entre 1 e 2 da manhã, vir na ponta dos pés até nosso quarto e se enroscar em nossa cama.

No outro dia, tudo correu bem até 4 horas, quando uma figurinha de camisola subiu em nossa cama, beijou-me e sussurrou: «Desculpe o atraso.» — M. M.

COMO eu e meu marido trabalhamos fora, não tenho muito tempo para arrumar a casa durante a semana. Assim, quando ele convidou recentemente um jovem colega para o fim-de-semana, deixei que nosso visitante nos desse uma ajuda na limpeza do sábado, e, em pouco tempo, a casa estava um brinco. Nosso hóspede tinha aparentemente gostado da visita, apesar do trabalho, pois estava ansioso por voltar à nossa casa.

Como não queria criar a impressão de que usávamos nossos hóspedes como ajudantes de limpeza, deixei de ir trabalhar na 6.<sup>a</sup> feira seguinte para limpar a casa e deixá-la já pronta. Quando o rapaz chegou naquela noite, olhou em volta parecendo surpreso e disse: «Vejo que teve hóspedes ontem também.» — R. W.

# 66 Entre Aspas 99

CORAGEM é aquilo de que a gente precisa para se levantar e falar; e é também aquilo de que precisamos para sentar e ouvir.

– *Quotations of Courage and Vision*, compilado por Carl Herman Voss

UM LIVRO fechado é apenas um bloco de papel. – Provérbio chinês

O PROBLEMA de não se ter uma meta é que a gente pode passar a vida inteira correndo de um lado para o outro sem nunca chegar a lugar nenhum.

– B. C.

A GENTILEZA nunca é desperdiçada. Mesmo que não produza efeito em quem a recebe, pelo menos beneficia quem a dá.

– Citado por S. H. Simmons, em *New Speakers Handbook*

NÃO ERRAMOS porque a verdade seja difícil de distinguir – ela pode ser vista num relance. Erramos simplesmente porque é mais cômodo.

– Alexander Soljenítsin

NADA FAZ um homem e uma mulher se sentirem mais unidos, hoje em dia, do que uma declaração conjunta de renda.

– G. S.

UMA DAS VANTAGENS da imprensa livre é a de que ela mantém o governo bem informado de tudo o que o próprio governo está fazendo.

– Walter Cronkite

É MUITO FÁCIL perdoar os erros dos outros; difícil é perdoar-lhes por terem presenciado os nossos.

– Jessamyn West

UMA NAÇÃO sem heróis é uma nação sem futuro.

– Marya Mannes

A GRANDEZA dos Estados Unidos repousa não no fato de serem mais afortunados do que qualquer outra nação, mas na capacidade de repararem suas próprias faltas.

– Alexis de Tocqueville

UM ELOGIO faz maravilhas pelo sentido da audição.

– *Bits & Pieces*

ADICIONE qualquer coisa à verdade e, no fundo, você estará subtraindo algo dela.

– D. C. P.